

## PAQUETES, MODAS E SALÕES: O DESEJO MIMÉTICO NAS CRÔNICAS DA REVISTA POPULAR (1859-1862)

Marcella dos Santos ABREU<sup>1</sup>

**RESUMO:** A contribuição das crônicas da *Revista Popular* (1859-1862) para o exame dos aspectos sociais da corte brasileira foi constatada a partir das referências feitas por Gilda de Mello e Souza (1987) a esses textos, em seu trabalho *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. Das 67 (sessenta e sete) crônicas publicadas naquele periódico romântico entre 1859 e 1861 por Carlos, possivelmente Carlos José do Rosário (1824-1885), a pesquisadora teria recolhido exemplos que auxiliaram a sua análise sociológica do vestuário feminino. Esse aspecto, aliado ao fato de ter sido o primeiro cronista da coluna um observador dos salões fluminenses e um porta-voz das modistas francesas instaladas na Rua do Ouvidor, comprova, portanto, a importância do *corpus* estudado como daguerreótipo da vida cotidiana do Rio de Janeiro Imperial. Assim, julgamos relevante analisar a presença da moda francesa na interlocução estabelecida entre o narrador-repórter e o público leitor feminino da seção Crônica da Quinzena e, para tanto, levaremos em conta as considerações feitas por René Girard (1961), em *Mensonge romantique et Vérité romanesque*, a respeito da teoria do desejo mimético.

**RÉSUMÉ:** La contribution des chroniques du périodique *Revista Popular* (1859-1862) à l'examen des aspects sociaux de la Cour brésilienne a été constaté à partir des références faites par Gilda de Mello e Souza (2001) aux textes de la section *Crônica da Quinzena*, parus entre 1859 et 1861. Fondés sur ces constations-là et sur la théorie du désir mimétique proposée par René Girard (1961), nous avons décidé d'analyser la présence de la mode française dans l'interlocution entre le chroniqueur *Carlos* et le public féminin du magazine romantique.

### 1. INTRODUÇÃO

A contribuição das crônicas da *Revista Popular* para o exame dos aspectos sociais da Corte brasileira foi constatada a partir das referências feitas por Gilda de Mello e Souza (2001) a esses textos, em seu trabalho sobre a moda no século XIX. Da seção *Crônica da Quinzena*, publicada naquele periódico romântico entre 1859 e 1862, e das descrições de figurinos apresentadas no periódico *O Novo Correio de Modas* (1852-1854), a pesquisadora teria recolhido exemplos que auxiliaram a sua análise sociológica do vestuário feminino. Tais periódicos se destacaram por apresentarem às leitoras tupiniquins as novas tendências dos trajes de além-mar:

(...) Revistas como *Le Follet*, *Nouveau Paris de Mercier*, *The Young Englishwoman*, trazem sempre a sua prancha de modas. O mesmo acontecia com nossas publicações como a *Revista Popular* e *O Novo Correio de Modas*, que reproduziam as admiráveis aquarelas de Anais Toudouze, fazendo uma pormenorizada descrição dos trajes. Por isso, no Brasil, a entrada do pacote inglês era esperada com sobressalto, pois junto com as notícias internacionais chegavam as regras da elegância. A crônica social de 16 de março de 1860, da *Revista Popular*, abre-se alvissareira com a notícia da última revolução havida nas altas e aristocráticas regiões da moda – a imperatriz Eugênia havia abandonado a crinolina. (Souza, 2001: 224)

Notamos que o interesse das damas brasileiras pela moda era observado e, por isso,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: malletrasfr@yahoo.fr.

alimentado quinzenalmente com a apresentação de gravuras de modas e de comentários sobre os costumes de personalidades européias do século XIX, como foi o caso da imperatriz Eugênia, considerada precursora no uso da saia crinolina.

Observações semelhantes eram recorrentes nas sessenta e sete crônicas da *Revista Popular*, assinadas de 4 de janeiro de 1859 a 1º de novembro de 1861 por *Carlos*, possivelmente Carlos José do Rosário (1824-1885)<sup>2</sup>. Salta aos nossos olhos também a maneira como Gilda qualifica o texto por ela citado pertencente à seção que resgatamos: crônica social. Esse aspecto, aliado ao fato de ter sido o primeiro cronista da coluna um observador dos salões fluminenses e um porta-voz das modistas francesas instaladas na Rua do Ouvidor, comprova, portanto, a importância do *corpus* estudado como daguerreótipo da vida cotidiana do Rio de Janeiro Imperial.

Explicitada a relevância desses textos, julgamos interessante analisar a presença da moda francesa na interlocução estabelecida entre o cronista e o público leitor feminino dos textos de *Carlos*, à luz das considerações feitas por René Girard (1961) a respeito do desejo mimético.

A relação tripla do desejo mimético girardiano é representada pela metáfora espacial do triângulo: na base encontramos o sujeito e o objeto, cada qual ocupando um vértice; no ápice, encontramos o mediador que irradia ao mesmo tempo em direção do sujeito e do objeto. No contexto em que se inserem os textos da seção *Crônica da Quinzena*, é possível considerar a chegada do pacote inglês um dos elementos desencadeadores daquele esquema de desejo e, por isso, esperada com grande expectativa. Além das notícias sobre a política e a economia internacionais, trazia também as regras de elegância para as damas do Brasil:

Às leitoras (...) oferece hoje a *Revista* a mais delicada gravura que ao Rio de Janeiro importou o pacote inglês: a simplicidade, a elegância e a beleza aí se dão as mãos e, auxiliadas pela arte, formam um todo brilhante e digno das pessoas a quem é oferecido. O cronista deseja ver realizados os modelos que passa a descrever. (*Carlos*, 1859: 262)

Ao ressaltar a procedência do figurino, o narrador-repórter também articula o seu discurso nesse excerto de modo a despertar o desejo das leitoras em confeccionar vestidos tal como indicava o figurino importado. Quando equipara a beleza da gravura à dignidade das mulheres que a recebem, *Carlos* apela para imaginação do seu público leitor, agora voltada àquelas que iriam seguir o modelo prescrito e que seriam notadas pelo cronista quando ele fosse conferir o uso da roupa entre as frequentadoras dos bailes e dos teatros fluminenses.

De fato, o encanto por essas pranchas de moda é atestado pela diversidade de cores e de situações nelas representadas. Quando a imagem representa o passeio de damas em um jardim, por exemplo, a linguagem empregada pelo cronista durante a descrição do figurino assume o tom maternal, que Roland Barthes (1979), em seu *Sistema da Moda*, afirma estar próxima do discurso de qualquer literatura para moças.

Ora, tal comparação entre a linguagem da moda e o discurso dos folhetins românticos do século XIX aproxima nossas crônicas do estatuto da experimentação literária. A maneira como o cronista contextualiza as personagens das gravuras de modas

---

<sup>2</sup> No dicionário Blake (1893), há informações de que teria sido um dos mais requisitados professores de língua e de literatura francesas de seu tempo, colaborador de vários órgãos da imprensa fluminense e, ainda, censor do Conservatório Dramático.

por ele descritas é semelhante ao espaço idealizado nos romances folhetins que originaram as seções de crônicas no Brasil. O uso de substantivos no grau diminutivo também garante o bom tom da Moda que, no intuito de impedir a referência a qualquer coisa de desgracioso estética ou moralmente, se aproxima da linguagem maternal. É, de fato, “(...) a linguagem de uma mãe que ‘preserva’ a filha de todo contato com o mal” (Barthes, 1979: 248).

A apresentação de figurinos à maneira da configuração do espaço folhetinesco e o uso de uma linguagem, cujo tom é julgado apropriado à interlocução entre as moças românticas da Corte brasileira e o cronista elegante da *Revista Popular*, favorecem a visualização do triângulo mimético que se revela nas crônicas estudadas. Da mesma forma que a personagem de Flaubert (1967), Emma Bovary, vislumbrava a vida elegante e onírica de Paris através das protagonistas dos folhetins, as leitoras da seção *Crônica da Quinzena* desejavam os vestidos parisienses através das personagens criadas pelo cronista naquelas descrições contextualizadas das gravuras de modas.

Trata-se, portanto, de um desejo segundo o Outro, semelhante ao que Jules de Gaultier nota nos heróis flaubertianos quando estes imitam o personagem que resolveram ser em tudo o que é possível imitar, o exterior todo, a aparência toda, o gesto, a entonação, a roupa. (cf Girard, 1961: 18). No nosso caso, tal imitação do vestuário além de ser a chave para a discussão que aqui propomos, poderá elucidar as dúvidas que por ventura ainda possam ser apontadas pelos críticos acerca da autoria das crônicas publicadas entre 1859 e 1861 na *Revista Popular*.

## 2. O OLHAR DO CRONISTA COMO OBJETO DE DESEJO

O salão mundano era o espaço onde as damas assumiam uma nova identidade, graças ao glamour de suas vestimentas. Era também o terreno propício para apresentarem sua beleza e sua fama aos homens que as cobiçavam. Aurélia, personagem da obra *Senhora*, de José de Alencar, pode ilustrar esses casos:

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a Deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. (...) Quem não se recorda da Aurélia de Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzia o seu fulgor? (Alencar, 1997: 19)

Pensando em mulheres como Aurélia, para quem o investimento em acessórios e em vestidos das modistas francesas da Rua do Ouvidor é essencial na conquista de um casamento, o modo como *Carlos* tenta convencer as leitoras de que não seria elegante usar a roupa da última estação no próximo baile da Corte é muito semelhante à linguagem utilizada em uma simples conversa entre mulheres:

Seja como for, minhas leitoras, nenhuma dentre vós quererá apresentar-se na *Phil' Euterpe* ou no *Club* com um vestido que fez a sua estréia na estação passada; a moda repele semelhante economia, e nada há menos gracioso do que fazer oposição à moda (...). Pensando assim, dei-me ao trabalho intrincado de estudar a primorosa gravura, que com esse número vos será entregue, e, bem ou mal, cheguei a um resultado, que submeto a vossa justa apreciação. (Carlos, 1859: 183)

Podemos imaginar o impacto de comentários como esse junto às fiéis leitoras do periódico. Ao repudiar o uso de roupas pertencentes a um estilo *démodé*, o cronista incita as mulheres a não desconsiderarem a sua sugestão de figurino, pois opor-se à moda com a repetição de vestidos seria deselegante.

Após a festa ou a representação teatral de repercussão da última quinzena, o narrador-repórter escolhe algumas damas que fizeram sucesso com seus trajes e descreve cada um deles. Como aquelas mulheres que passeavam por um jardim florido em trajes primaveris, essas senhoras, cujos nomes o cronista oculta nas suas iniciais, também são personagens que compõem o cenário da vida social fluminense representada na seção *Crônica da Quinzena*:

Tais comentários renderam a *Carlos* muitos desafetos, uma vez que o julgavam ousado em suas críticas ferrenhas às mulheres que não seguiam os figurinos sugeridos na quinzena anterior – sobretudo se essas senhoras fossem assinantes da *Revista*. A repercussão de suas críticas era suficiente para incitar, entre as damas desprezadas, a inveja e o desejo de serem observadas e consideradas. A mediação desse desejo, portanto, não muda. As mediadoras são ainda personagens, não mais de papel, mas cuja função na crônica é semelhante a das mulheres das pranchas de modas: representar o modelo a ser seguido em um cenário de elegância. O objeto de desejo é a indumentária francesa e o sujeito continua a ser a fiel leitora do periódico que espera ter as iniciais de seu nome registradas pelo narrador-repórter na próxima quinzena.

### 3. O PAPEL DA FRANÇA NA MEDIAÇÃO: MODELOS E PRODUTOS

Não poderíamos ignorar a colaboração de Joaquim Manuel de Macedo na seção *Crônica da Quinzena* como sucessor de *Carlos* em 1862, último ano de publicação do periódico. Da produção daquele escritor romântico, que assina os textos da coluna sob o pseudônimo *O Velho*, destacamos sua preocupação com a crítica às manifestações artísticas da Corte em detrimento da apresentação de figurinos antes indicados às frequentadoras dos bailes fluminenses. Entretanto, em dezembro de 1862, quando a *Revista Popular* anuncia sua transformação em *Jornal das Famílias* (1863-1878), este cronista reconhece a moda de Paris como a mais elegante e distinta naquele momento:

É preciso não confundir morte com metamorfose. A *Revista Popular* não morre: metamorfoseia-se. Vai mudar de nome, como uma moça bonita de vestido. E, para melhor mostrar-se no último rigor da moda e do tom, virá de Paris, garbosa e espirituosa, *comme il faut*. Será sempre brasileira no corpo, mas vai tornar-se parisiense pelas roupas e enfeites. Tafulona, ufana, vaidosa, bonita assim, faria um biquinho desagradável se o *Velho* quisesse acompanhá-la. Não me sujeitarei aos seus desdêns. Mas quem sabe se não passarei também por alguma metamorfose... bem entendido, no nome? Não sei. É um problema a resolver. Entretanto, faço as minhas despedidas às minhas leitoras e aos meus leitores. Não chorem, por quem são... Poupem a minha sensibilidade... Adeus! adeus!... (Macedo, 1859: 368)

A comparação entre a moda parisiense e o novo empreendimento de Garnier, a partir de então impresso na França, aparece de forma sutil na despedida feita aos leitores. Ambas (moda e *Revista Popular*) não morreriam, mas metamorfosear-se-iam segundo o rigor das últimas tendências parisienses. Ao comparar a mudança do nome do periódico com a troca de vestido feita por uma moça bonita, reafirma a questão da fugacidade da

moda tão alentada por *Carlos* em suas crônicas.

De fato, a moda francesa é outro aspecto marcante da retórica do primeiro cronista da *Revista Popular*. Identificamos fragmentos de suas crônicas nos quais a soberania da França como pólo irradiador de novas tendências é explicitada e louvada a despeito de todas as tentativas de adaptação dos trajes ao clima de nosso país:

Como não ignorais, tudo hoje se vai reformando, menos o antigo hábito de acompanharmos de longe a França nas suas loucuras acobertadas sob a palavra mágica -moda. Debalde tem aparecido quem queira regenerar os costumes americanos; debalde uma ou outra pessoa desinteressada tem pretendido nacionalizar os trajes, adaptá-los às estações, se é que entre nós elas se tornam distintas: a França e, sobretudo, Paris, não cede um palmo de terreno habilmente conquistado e, todos os dias, os armazéns da rua do Ouvidor e da Quitanda expõem novos produtos de uma indústria sempre crescente e do mais desenvolvido gosto. (Carlos, 1859: 56-57)

Em obra também de Joaquim Manuel de Macedo (1988) há um capítulo dedicado ao reinado das modistas francesas naquela que era a rua mais famosa do Rio de Janeiro no século XIX: a Rua do Ouvidor. Nessa ocasião, o autor ressalta a entronização da moda de Paris naquele endereço, o que provocou, desde 1817, o encanto da sociedade fluminense diante das vidraças decoradas pelas modistas parisienses.

O poder das proprietárias desses estabelecimentos foi tão grande que assustou os negociantes ingleses instalados até então na Rua do Ouvidor. Elas atraíram, entretanto, os negociantes franceses que abriram aí lojas de fazendas e de objetos de moda, de perfumaria e de cabeleireiros.

Na seção *Crônica da Quinzena*, além das chamadas de reclame para divulgar seus estabelecimentos, as modistas poderiam contar com a indicação feita por *Carlos*, antes ou depois da descrição de um figurino. Há crônicas em que o narrador-repórter é ajudado por uma dessas senhoras a apresentar às leitoras, com precisão, cada detalhe da gravura oferecida pela *Revista*. Dessa forma, as modistas eram fiéis colaboradoras na divulgação de um dos maiores atrativos da crônica, em troca de uma discreta apreciação e indicação de seu negócio:

Agora que nos vamos ocupar da explicação dos tesouros que mais agradaram ao artista emissário, permiti que eu ceda a palavra a Mme. Catharina Dazon para vos fazer a Descrição da gravura de modas. (...) É ocioso lembrar-vos, que Mme. Catharina Dazon & filho recebem por todos os paquetes a melhor escolha de artigos modernos e se incumbem de dar vida aos figurinos sujeitos ao seu hábil sistema de interpretar as criações artísticas. (Carlos, 1860: 255-256)

O papel da França na mediação do desejo do público leitor da seção estudada é notável nesses exemplos que apresentamos. Por isso, tomadas pelo poder de persuasão do cronista, não bastava às leitoras imitar as personagens do figurino importado ou do cenário social fluminense: era preciso também adquirir os tecidos e os acessórios da gravura em estabelecimentos cujas proprietárias fossem representantes dos ditames da moda universal.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter notado a semelhança entre o desejo mimético experimentado pelas personagens flaubertianas e pelas leitoras da *Revista Popular*, resta-nos retomar o papel

da imprensa, da crítica de costumes e da moda francesa como fatores que atestariam a autoria dos textos da seção *Crônica da Quinzena*, atribuída em nossas pesquisas a Carlos José do Rosário.

Quando assume a coluna de crônicas, Joaquim Manuel de Macedo declara às leitoras que no lugar de um “(...) mancebo elegante, discreto, instruído e suave” se encontraria a partir de então “O velho – um velho rude, impertinente, maçante, e antipático, um velho de óculos e de cabeleira, um velho que traz a mesma casaca que usava em 1823, casaca que nunca virou e por conseqüência inteiramente fora da moda” (Macedo, 1861: 249). As palavras do autor de *A moreninha* atestam que *Carlos* era, deveras, o observador da elegância na Corte brasileira e o legítimo representante do grupo ao qual ele mesmo denominava como *crítica*.

Somente um rapaz sensível aos interesses que o empreendimento de Baptiste Louis Garnier julgava serem reservados ao público feminino poderia conquistar as leitoras de todas as idades a procurarem quinzenalmente as novidades dos bailes, dos teatros e do pacote inglês. Não podemos nos esquecer ainda que o mancebo instruído, professor de língua e de literatura francesas, exaltou sem pudor as loucuras da moda parisiense em suas descrições de figurinos, as alegorias da elegância romântica européia.

Como não atribuir a Carlos José do Rosário a autoria das crônicas publicadas entre 1859 e 1861 na *Revista Popular*? O cronista desconhecido para o cânone literário nacional, observava ao lado de célebres colaboradores da *Revista Popular* a vida social fluminense e, à maneira dos narradores dos folhetins que inspiravam os sonhos de Madame Bovary, era quem, sem dúvida, incitava a inveja e o desejo pela indumentária francesa entre as habitantes da capital do Império tupiniquim. Revelamos, portanto, a identidade de um escritor fluminense a partir do resgate de textos raros da História da Imprensa do Brasil, aqui analisados à luz do desejo mimético girardiano.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ALENCAR, J. (1997[1875]). *Senhora*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha.
- BARTHES, R. (1979[1967]). *Sistema da Moda*. Tradução de L. L. S. Mosca. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. da Universidade de São Paulo.
- BLAKE, A. V. A. S. (1893). *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- CARLOS (1859-1861). “Crônica da quinzena”, in: *Revista Popular*: noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc., Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- FLAUBERT, G. (1967[1856]). *Madame Bovary*. Paris: La Pléiade.
- GIRARD, R. (1961). *Mensonge romantique et Vérité romanesque*. Paris: Bernard Grasset.
- MACEDO, J. M. (1861-1862). “Crônica da quinzena”, in: *Revista Popular*: noticiosa, científica, industrial, histórica, literária, artística, biográfica, anedótica, musical, etc., Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- \_\_\_\_\_. (1988[1878]). *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Editora da UnB.
- QUADROS, J. M. (1993). *Estereótipos: literatura e edição no Brasil na primeira metade do século XIX (1837-1864)*. Dissertação de mestrado, Campinas.
- SOUZA, G. M. (2001[1987]). *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras.